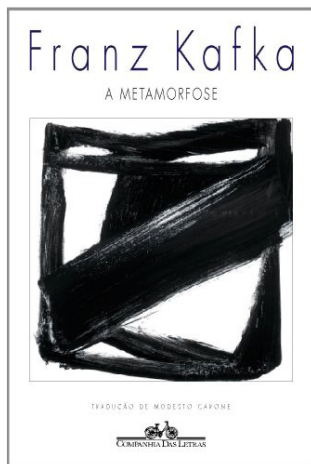


A METAMORFOSE – FRANZ KAFKA



A *Metamorfose* é uma novela escrita por Franz Kafka em 1912, mas somente impressa em 1915, em uma revista alemã chamada *Die Weissen Blätter* – em português *As Folhas Brancas* –, no contexto da Belle Époque – período marcado por transformações culturais que influenciaram o modo como as pessoas viviam e pensavam –, antecedendo em dois anos a Primeira Guerra Mundial. No Brasil, foi primeiramente publicado em 1956, pela Editora Civilização Brasileira.

A obra é dividida em três partes. Na primeira parte, acompanhamos um Gregor (o protagonista da história) recém metamorfoseado, e observamos a maneira como é recebido por sua família em sua nova forma. Na segunda parte, assistimos ao cotidiano de um Gregor isolado e rejeitado. Já na terceira e última parte, observamos o fim de um Gregor fraco e abalado psicologicamente.

A *Metamorfose* é narrada por um narrador onisciente (heterodiegético), a partir da perspectiva do personagem principal. Essa ligação do narrador ao protagonista perdura até o momento da morte deste, quando o narrador se desprende de Gregor e passa a focar sua família.

Quanto aos personagens, Gregor Samsa é um personagem redondo (modelado) pois é bem acabado e caracterizado. Já os personagens secundários podem ser considerados planos (desenhados), inclusive a irmã de Gregor, Grete, que no final da novela assume uma postura dura e insensível em relação ao monstruoso inseto que está no lugar de seu irmão.

O tempo da narrativa é cronológico, ou seja, os fatos estão dispostos em ordem de acontecimento. Grande parte da história se passa no quarto de Gregor, afinal, é lá que ele passa a maior parte de seu tempo depois de transformado. Todavia, não é esclarecido em que época a história se passa, pois datas nunca são especificadas no decorrer da obra. A transição do tempo é exposta ao leitor através de horas e dias.

Contrariando as regras ditadas por Aristóteles em sua obra *Poética* (teoria do início, meio e fim, onde no início aconteceria a introdução da história e dos personagens), *A Metamorfose* já começa pelo clímax, conforme pode ser conferido logo na primeira oração do livro:

“Certa manhã, após um sono conturbado, Gregor Samsa acordou e viu-se em sua cama transformado num inseto monstruoso”

(KAFKA, 2001, p. 11).

Como podemos notar através da leitura do trecho inicial do livro, Gregor já começa a história transformado em inseto. O narrador e o próprio Gregor tomam a metamorfose como algo quase insignificante. O primeiro apenas constata a transformação e limita-se a descrever o novo corpo de Gregor, e, quando acaba de fazê-lo, começa a descrever seu quarto; já o segundo primeiramente estranha sua monstruosa nova forma, mas logo deseja retomar normalmente sua vida de caixeiro-viajante como se apenas tivesse contraído uma gripe. Aliás, ambos narrador e protagonista não sabem as causas da transformação e nem mesmo parecem se interessar pelo assunto. Assim, o leitor acaba não tendo acesso, de forma explícita, ao que levou Gregor a sofrer a metamorfose. Aliás, também não é especificado em que Gregor se transforma: o narrador apenas fala em inseto monstruoso.

Se fizermos uma análise mais profunda da história, poderemos ver que a metamorfose representa uma metáfora da sociedade da época e/ou do estado psicológico de Gregor. Ele agarrou para si a missão de manter sua família financeiramente, exercendo a profissão de caixeiro-viajante, que era fatigante ao extremo e não fornecia realização profissional ou pessoal, como podemos conferir no trecho abaixo:

“Que dura profissão fui escolher! Viajando todo santo dia. É muito pior do que quando se está no escritório, pois, quando viajo, não posso descuidar dos horários dos trens, as refeições são ruins, feitas fora de hora; os relacionamentos mudam sempre, nunca são os mesmos, nunca possibilitam uma autêntica amizade” (KAFKA, 2001, p. 12).

Quando Gregor assumiu as despesas da casa, sua família o tratava de modo afetivo. Todavia, com o passar do tempo, seus pais passaram a acreditar que era obrigação de Gregor sustentá-los. É por meio da metamorfose que Gregor se liberta de seu fardo: seu trabalho e a dependência de sua família.

“(…) sua eficiente atuação profissional lhe proporcionava significativas comissões em dinheiro, que colocava sobre a mesa da sala, sob o olhar admirado e jubiloso da família. (...) À medida que tudo isso foi se tornando costumeiro, a surpresa e a alegria inicial arrefeceram e, assim, Gregor entregava o dinheiro com prazer espontâneo e a família, de bom grado, recebia” (KAFKA, 2001, p. 39).

Antes de a metamorfose acontecer, a família parasitava Gregor; pós-metamorfose, a família é parasitada, uma vez que Gregor, em seu atual estado, apenas consome e nada fornece. A partir do momento que todos os membros da família arranjam emprego e a questão financeira já está sanada, o pai chega a querer se livrar do filho/inseto, o que provoca em Gregor uma dor não apenas física, mas também psicológica: a dor da rejeição.

“(…) algo passou raspando sua cabeça e rolou até um pouco mais à frente: era uma maçã, logo seguida de outra. Temeroso, Gregor deteve-se, considerando inútil continuar correndo, pois o pai havia decidido bombardeá-lo (...)” (KAFKA, 2001, p. 52).

Com a leitura do trecho acima podemos inferir, também, que tal excerto transmite ao leitor a conturbada relação de Kafka com seu pai, pessoa com quem nunca tivera uma boa relação, pois este sempre desmerecia as conquistas do filho e nunca o apoiava, assumindo muitas vezes uma postura tirânica. Kafka, em sua condição de inseto, vê-se inferiorizado em relação ao pai, que o ataca. Aqui poderia se aplicar o que diz Modesto Carone no ensaio O parasita da família, "(...) A Metamorfose (...) deve ser lida não como uma simples novela fantástica, mas como uma trágica história de família".

A partir da metáfora da metamorfose, Kafka faz uma crítica à sociedade, cujos interesses são capitalistas ao extremo, e não emocionais. Quando metamorfoseado em inseto, Gregor representa alguém que sempre se preocupou com os outros mas nunca consigo mesmo, alguém que não mais produz e por isso é rejeitado cruelmente pela família, que, por sua vez, representa a sociedade.

O final da história é atroz: Grete, a irmã que antes da metamorfose sempre o havia tratado de modo afetuoso e que, mesmo depois da transformação, nunca havia realmente lhe dado as costas, expulsa Gregor de suas vidas. Ele, já fraco – o que se dá tanto pela má alimentação quanto pelo abalo psicológico que recebera –, morre em seu quarto durante a noite.

“– Ele tem que ir embora! – gritou a irmã. – É o único jeito, pai. O senhor precisa se desfazer da ideia de que aquilo é Gregor. Acreditar nisso, durante tanto tempo, tem sido a nossa desgraça. Como pode ser Gregor? Se fosse, há muito tempo teria percebido que seres humanos não podem viver com um bicho como aquele. E teria partido por conta própria” (KAFKA, 2001, p. 70-71).

A morte de Gregor é julgada como uma libertação a todos. A família faz algo que há muito tempo não fazia: dá um passeio de bonde pelos arredores da cidade. E nesse passeio, os pais percebem como sua filha havia se convertido numa linda jovem, e que já estava na hora de encontrar um marido para ela. Com esse final, o autor deixa implícita a intenção de os pais se apoiarem financeiramente na filha em um futuro próximo.

<http://queridoslivros.blogspot.com.br/2013/06/analise-do-livro-metamorfose-de-kafka.html>

FRANZ KAFKA, A METAMORFOSE POSSÍVEIS LEITURAS – Beatriz Hübner

“Há esperança infinita, mas não para nós.”

(Franz Kafka)

UMA PEQUENA INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta possíveis leituras da obra A Metamorfose, de Franz Kafka, escrita em 1915 e publicada ainda em vida pelo autor. Essa análise da narrativa não se fixa em uma só possibilidade interpretativa ou uma linha teórica específica para abordar o tema, mas assinala possibilidades válidas de se olhar a questão kafkiana em questão, principalmente no que tange à forma de linguagem utilizada, tendo por base autores como Theodor Adorno, Günter Anders, Marcelo Backes, Walter Benjamin, Sigmund Freud, Vladimir Nabokov, George Steiner e Max Brod.

DA OBRA: RESUMO E BREVE COMENTÁRIO

Uma manhã, ao despertar de sonhos inquietantes, Gregor Samsa deu por si na cama transformado num gigantesco inseto.

É deste modo que Kafka inicia a história de Gregor Samsa, um caixeiro-viajante que deixou de ter vida própria para suportar financeiramente todas as despesas da família. Numa manhã, ao acordar para o trabalho, Gregor vê que se transformou num inseto horrível com um “dorso duro e inúmeras pequenas patas”. A princípio, as suas preocupações passam por pensamentos práticos relacionados com a sua metamorfose, principalmente com o fato de estar atrasado para o trabalho. Depois, as preocupações passam para um nível psicológico e sentimental. Gregor sente-se magoado pela repulsa dos pais à sua metamorfose. Apenas a irmã se digna a levar-lhe alimento, mas mesmo assim repulsa e medo de sua parte também se manifestam.

O ponto culminante da obra é atingido quando Gregor Samsa, protagonista transformado em inseto, deixa de ser capaz de se expressar na linguagem humana. Gregor perde a capacidade da fala e da escrita e, com isso, de se comunicar. Mas a metamorfose de Gregor vai além da modificação física e cognitiva: embora não seja mais capaz de se comunicar pela linguagem, exilado no seu silêncio, seus pensamentos, raciocínios e sentimentos continuam sendo humanos. Gregor passa também a analisar as coisas que o rodeiam com muito mais atenção.

Nessa história, Kafka presenteia-nos com a sua escrita sui generis, retratando a indiferença do homem perante o absurdo do mundo e dos homens por meio de sua trivialização do grotesco.

LEITURAS

A leitura da narrativa da Metamorfose instiga sensações e impressões que variam de uma tomada de interesse completo a um asco, uma aversão e, por vezes, uma perturbadora presença do humor – como observou Brod em 1913: “y, a veces, cuando nos leía a quienes éramos sus amigos alguno de sus cuentos, crecía dicha sonrisa y lanzábamos una sonora carcajada.” (Brod, 2000, p. 154) – que, mesmo após findada a leitura, não deixa o leitor, pois várias perguntas permanecem ali sem resposta, diversas inquietações e muitas lacunas a serem preenchidas.

A primeira questão digna de atenção é na realidade o cerne do livro, mas que em nenhum momento é posta em pauta: o porquê da metamorfose de Gregor Samsa. Em nenhum momento o protagonista se pergunta o motivo que terá desencadeado o seu processo transformatório de homem em inseto. Talvez, se tivesse refletido sobre essa questão – na realidade um questionamento básico e óbvio em processos bruscos de mudança – pudesse ele não reverter o quadro de sua situação, mas ao menos entendê-la melhor, sendo capaz de aprender, crescer, amadurecer e mudar.

A leitura da obra kafkiana requer uma atenção especial à sua linguagem protocolar e à forma de construção textual, sem o qual o autor não teria atingido o estranhamento intrínseco e característico que a constrói.

Em seu ensaio O Estranho/Das Unheimlich, Freud se propõe a investigar as condições que promovem o aparecimento do estranho (o estranhamento), considerando-as como fatores básicos de retorno de um conteúdo reprimido, qualquer que fosse seu afeto original. A estranheza se deve-

ria ao retorno em si e à secreta familiaridade do fenômeno, indicando, portanto, não ser este novo ou alheio à mente, mas que apenas teria sido afastado pela repressão. A combinação de ambos – o estranho como algo originalmente conhecido que deveria ter permanecido oculto (reprimido), mas retornou – mostra-se também em acordo com a ambigüidade etimológica das palavras *unheimlich/heimlich*, que em português seria o equivalente a inquietante/quietante. Analisando o mesmo fenômeno, Brecht vê no estranhamento um artifício que impede a identificação com a representação e faz o espectador pensar em sua posição. Já Adorno veria nesse mesmo fenômeno uma forma de não se conciliar com o mundo da mercadoria. Na verdade, o estranhamento já era observado por Platão, reconhecendo assim uma forma de recriminar a arte que somente encanta os sentidos e não aquela que ele objetiva, que é a arte formadora de caráter e/ou aquela que ensina e leva o homem a pensar. A forma elegante, mas funcional, discreta, mas ao mesmo tempo refinadamente sarcástica, tocante, próxima, mas distanciada, direta, mas sincronicamente dotada de ares de suspense, num texto onde até “as deformações são precisas” (Adorno, 1998, p. 239-270), enfim, um texto no qual se tem prazer em ler pela estética das palavras utilizadas, das frases protocolarmente montadas e da colocação das idéias de uma forma física e clara, fazem da sua narrativa da dor algo que transcende o espírito do leitor e o toca fundo.

Pelo fato de ter estudado tanto Direito quanto Germanística e também de ter trabalhado no meio jurídico, Kafka tinha consciência de que, para atingir o estranhamento que lhe é peculiar, causando a estranheza no leitor, e também para ser capaz de exprimir uma agonia contínua em suas narrativas, a opção por uma linguagem de forma protocolar (burocrática) era a melhor a ser utilizada. Entretanto urge destacar que essa linguagem era por ele adotada somente nas obras que escrevia com caráter impessoal. Sua Carta ao Pai, por exemplo, que foi escrita não no intuito de uma futura publicação, mas sim verdadeiramente para ser lida por seu pai, apresenta uma linguagem íntima e pessoal (sendo escrita em alemão, língua que era também falada no seio familiar), em nada protocolar. Ou seja, o “protocolar” fazia parte de sua arte, não sendo uma característica comum e cotidiana de sua fala e escrita pessoais e, como bem enfatiza Anders, em Kafka “não existem, propriamente, diferenças entre as linguagens dos tolos, dos inteligentes, dos grandes ou dos pequenos. É natural que tal linguagem da distância exclua determinados tons (...)” (Anders, 1969, p. 72). Logo, a escrita literária de Kafka, por ser protocolar, é marcada por seu tom desapegado, imparcial e impessoal, atentando ao menor detalhe e abrangendo os temas de alienação e perseguição, sendo entretanto sempre a culpa o motor constante. Isso fica bem esclarecido quando lemos do próprio autor em sua Carta ao Pai as inúmeras colocações que faz a respeito de toda culpa que sempre nutriu, relacionando-a a seu pai e a si mesmo. O tema culpa, as próprias palavras “culpa” e “culpado”, aparecem incessantemente na referida carta, como por exemplo “(...) porque o sentimento de culpa exclusivo da criança em parte foi substituído pela compreensão do nosso desamparo comum.” (Kafka, Carta ao Pai, p. 35) e “Aliás, também essas impressões amáveis não lograram outra coisa a não ser aumentar minha consciência de culpa com o tempo e tornar o mundo ainda mais incompreensível para mim.” (Kaf-

ka, Carta ao Pai, p. 42). Os seus contos são julgados como verdadeiros e realistas, pois os personagens kafkianos sofrem de conflitos existenciais, como o homem de hoje. No mundo kafkiano, os personagens não sabem que rumo podem tomar, ignoram os objetivos da sua vida, questionam seriamente a existência e acabam sós, diante de uma situação que não planejaram, pois todos os acontecimentos se viraram contra eles. Por isso, a temática da solidão como fuga, a paranóia e os delírios de influência estão muito ligados à obra kafkiana.

Muitos críticos tendem a analisar os trabalhos de Kafka partindo primeiramente de uma base biográfica e compararam suas obras com aspectos da vida pessoal e da psique do autor, além da influência da época histórica em que nasceu. Definem, assim, suas obras como meros espelhos de seus sentimentos e frustrações, ou uma forma de o autor “trabalhar” com eles, como uma auto-análise para entender-se e curar-se ou, pelo menos “pôr tudo para fora”, desabafando seus mais íntimos sofrimentos com um público anônimo. “O que Kafka escreve é ele mesmo, o ser em si. Sua literatura é seu eu feito letra” (Backes, 2008). Essa forma de interpretação, embora se baseie em fatos coerentes e reais, e de forma alguma poder ser taxada como falsa ou errônea em si, encerra uma limitação e de certo modo simplicidade que não satisfazem de todo uma interpretação mais abrangente e filosófica, o que os textos kafkianos com certeza exigem. Logicamente, seria aceitável um paralelo entre a personagem e o autor, o que por seu lado reduziria nosso entendimento do texto a uma mera análise psicológica. Segundo essa vertente, resumir-se-ia aqui um homem sofrendor de um tipo de Complexo de Édipo mal-resolvido, causado por um pai opressor e distante, e o sofrimento como resultado de uma carência não consciente mas inerente a ambos (autor e protagonista). Para outros críticos, como Anders, o problema de Kafka era algo maior: a sua não-identificação com o(s) mundo(s) em que vivia e sua não-integração em nenhuma sociedade, sua falta de raízes, a sensação da não-existência, o nunca-chegar-lá, mas ao mesmo tempo não saber se é isso que realmente se quer. Não entender as regras da sociedade e com isso desenvolver uma culpa inata, por sentir-se fora de foco e sem saber como se situar. O próprio Kafka afirma no seu Diário IV a respeito disso o seguinte: “Não fui levado à vida pela mão já declinante do cristianismo, como Kierkegaard, nem alcancei a última ponta do fugitivo manto de oração judaico. Sou fim ou começo.” (Anders, 1969, p. 11)

Outra tentativa que se faz toma o caminho da colocação da questão social: ano 1912, véspera da Primeira Guerra Mundial; explosão do capitalismo através da industrialização; a Belle Époque francesa; um judeu nascido no leste europeu, falante de alemão, que estudou na Áustria e morava na Suíça... Um ser agnóstico vivendo numa religiosidade imposta e ao mesmo tempo um artista frustrado que não tinha a “permissão” paterna de florescer.

Todo esse contexto em que o então já confuso – e por isso mesmo frustrado e deprimido – Kafka vivenciava em seu meio, vendo sociedades mergulhadas em um capitalismo supérfluo, com crenças diversas, sem conseguir se adequar a nenhuma delas, são fortes argumentos para formas interpretativas desse cunho histórico/biográfico.

Poder-se-ia extrair também de sua “metamorfose” um estudo dialético do tema “trabalho”, pois o trabalho, em qualquer forma de governo, é tema central e digno de debates, filosofias e enquadramentos. Ora, qual foi o principal efeito da metamorfose não só sobre Gregor, mas também sobre a família como um todo? Antes da transformação, Gregor literalmente vivia para e pelo trabalho, já seus familiares eram apenas seus parasitas, não produziam nada. “(...) nas estranhas famílias de Kafka, o pai sobrevive às custas do filho, sugando-o como um imenso parasita. Não consome apenas suas forças, consome também seu direito de existir.” (Benjamin, 1996, p. 139-140). Após o incidente, este é que passou a ser o parasita, o imprestável que não servia mais para trabalhar, e a família desabrochou para o mundo laboral. Aqui podiam tanto o capitalista quanto o marxista apontar o tema trabalho como a questão central kafkiana do livro e desenrolar longas teses de como Kafka se colocou a respeito desses temas sociais em sua obra.

Mas vamos pôr agora todas essas avaliações e interpretações de cunho biográfico, histórico, político e social de lado e tentar nos concentrar no que realmente importa: a história em si. Tentemos fazer uma análise da narrativa colocando de lado todos esses fatores. Esqueçamos por algum momento quem foi o autor, qual foi o ano e sob que circunstâncias foi produzido o texto em questão. O que nos resta? Uma história que se apresenta de forma surrealista, isto é, fantástica, mas que na realidade é bem realista, com várias facetas profundas a serem reconhecidas e inúmeras formas de ser interpretada, uma história atemporal que se encaixaria até mesmo nos dias de hoje.

Nenhum autor representou de forma tão contundente a modernidade. Segundo o crítico literário George Steiner, “o extremismo da posição literária de Kafka (...) torna a estrutura representativa e a centralidade de sua façanha mais notáveis. Nenhuma outra voz foi testemunha mais verdadeira da natureza de nossos tempos.” (Steiner, 2003, p. 147). Temos aqui um homem (Gregor Samsa) que há muito não vive mais sua vida. Um homem que abdicou de ser quem era (ou poderia ter sido) para se dedicar somente ao trabalho. Mas trabalhar não por prazer ou dom, no sentido de realização do indivíduo, e sim de fato apenas para quitar uma dívida que nem sua era, mas sim de seu pai. Pai este que, após a ruína de seu negócio, não era mais “capaz”, tornou-se praticamente um inválido, dependente do filho. Gregor, por sua vez, se via na obrigação de cumprir esse compromisso. Isso posto, fica clara para o leitor a situação que se estabelecerá ao longo dos cinco anos seguintes no âmbito familiar do protagonista: mãe doente, asmática, abatida, incapaz e dependente; pai doente, envelhecido, abatido, incapaz e dependente; irmã jovem, amedrontada, infantil, incapaz e dependente; Gregor: saudável, ativo, trabalhador, capaz. Mas todos infelizes.

Na realidade, Gregor não é um mero empregado que cumpre sua função. Muito pior que isso: ele é visivelmente um escravo de seu empregador, fato que estranhamente em nada incomoda seus pais. Esse fato passa ao leitor a impressão de que seus pais não o vêem como um filho, um ser humano digno e merecedor de uma vida própria. E ele mesmo, Gregor, também não se vê assim – aqui ficam em aberto pontos para outras interpretações das causas desse anulamento do seu ser (pela visão marxista, seria este o anulamento do humano nas relações de trabalho, causado pela reificação do nosso mundo).

Após a metamorfose de Samsa, ponto principal e culminante, o clímax de toda a narrativa que é logo de início apresentada ao leitor, tudo muda não só para Gregor como para sua família. Mas analisemos primeiramente o fato em si: por que Gregor sofre esta mudança? Será que no seu íntimo era isso mesmo que queria, por ver nisso a única fuga (refúgio) possível dos seus tormentos e da sua vida miserável? Ou será que isso ocorre porque ele justamente há muito renegara sua própria existência como pessoa? Questionamentos que dificilmente poderemos responder, mas que são dignos de profunda reflexão.

A utilização de uma linguagem impessoal, ao mesmo tempo culta, mas de acesso e entendimento ao leitor comum, a forma de narração lenta e excessivamente descritiva, a atmosfera de suspense e agonia, é criada do início ao fim, tudo isso somado provoca um verdadeiro mergulho do leitor no mundo de Kafka. Este, ao mesmo tempo em que aproxima, diminuindo a distância entre o leitor e a obra, causa um forte estranhamento pelos acontecimentos bizarros e os comportamentos por vezes tão humanos que por vezes parecem desumanos. E o leitor, simultaneamente atento e curioso, mas com verdadeiros surtos de repulsa, aversão e incompreensão (tenta-se esquecer que Gregor virou um inseto repugnante e tenta-se vê-lo como homem), mesmo com tudo isso não consegue (e nem quer) largar o livro, pois ele, no seu íntimo, no âmago do seu ser, está como a apreciar um quadro divinamente pintado, de uma arte inigualável, que apesar de expressar uma sociedade execrável, dura, deplorável, distorcida e desumana, mostra o que a realidade na verdade é. E, citando Anders, “O espantoso, em Kafka, é que o espantoso não espanta ninguém.” (Anders, 1969, p. 19). Esse é o paradoxo artístico crucial da obra kafkiana, que por sua eterna atemporalidade e arte as tornaram imortais.

Outras possíveis formas de se abordar o tema do texto:

A metamorfose de Gregor Samsa em um inseto seria uma simbologia, um tipo de metáfora, para representar o repentino surgimento de uma deficiência física e/ou mental do personagem em questão, trazendo então à tona na sua família e na sociedade o preconceito e a hipocrisia inerentes destas em relação a pessoas portadoras de alguma deficiência, que em geral são vistas com estranheza, desdém, medo e até mesmo aversão. Essa visão da metamorfose de Gregor (por exemplo, o surgimento de um tetraplegia) se encaixaria sem lacunas na narrativa, tanto pelo comportamento do seu empregador – que no mesmo momento quer apenas livrar-se do inseto – como dos integrantes de sua própria família, estendendo-se aos inquilinos dos quartos e até mesmo à empregada, que reconhece naquele ser algo sinistro e curioso de se apreciar. Essa forma de entender a obra seria bem aceitável, pois a realidade de nossa sociedade, em especial no que diz respeito a esse assunto, infelizmente manifesta-se claramente nesse cenário.

Da mesma forma, a metamorfose poderia representar uma súbita mudança de postura diante da vida, de idéias e pensamentos diversos dos que se tinha anteriormente e/ou que eram pressupostos e aceitos pelo seu meio. Por exemplo, uma nova ideologia política, uma nova visão religiosa ou até mesmo filosófica perante a vida, um desejo de mudança radical de profissão. Poder-se-ia aqui até mesmo ir mais longe e encontrar um tipo de profecia kafkiana: na Segunda Guerra, os judeus, antes a base econômica da Alemanha, são como que por uma “metamorfose”, vistos de forma totalmente oposta, como os parasitas daquela sociedade, parasitas estes que necessitavam ser eliminados. E o que ocorre é justamente isso: a tentativa de extermínio desses “insetos”. A metamorfose seria aqui a súbita guinada do governo e da população alemã contra os judeus.

Por outro lado, a posterior metamorfose dos membros da família, que de prostrada e doente, parasita e dependente, se torna ativa, saudável, independente e auto-suficiente nos encaminha para uma outra possível forma de interpretação. A postura de Gregor, anterior à sua transformação, de se anular para salvar sua família, por um lado ajudava-a financeiramente, mas por outro inibia e sufocava seu próprio crescimento e expansão. Vê-se aqui então em Gregor não mais uma vítima, mas sim um vilão. Essa forma ambígua de ver essa situação nos mostra que a metamorfose seria então um re-equilíbrio de uma situação que estava em pendência, uma redenção de algo que necessitava ser restaurado. A “saída” de Gregor do campo de ação familiar abre espaço para o desabrochar de todos os integrantes da família. Assim, a metamorfose seria na realidade benéfica. Ou seja, aqui a metamorfose de Gregor seria como símbolo de libertação dos membros de sua família, já que eles, após sua transformação, quebraram as amarras do ciclo vicioso da dependência.

Pontos/Questões da obra interessantes de se focalizar

1. Além da metamorfose em si de homem em inseto e da postura da família em geral perante a vida, há a metamorfose dos sentimentos da irmã, que no início nutria amor pelo irmão, mas depois passa a querer se livrar dele. Ela deve de certa forma ser vista como o elemento-guia da história, pois é ela quem na realidade comanda a guinada dos acontecimentos.

1. O fato de o pai ter tentado, por pelo menos duas vezes, matá-lo, indica o seu desejo de livrar-se do filho-inseto, quer pelo fato de este não lhe suprir em mais nada, quer talvez pelo fato de ver claramente como este “rastejava” pelo seu reconhecimento e aceitação, o que o enojava.

1. A ferida que não cicatriza nas costas, causada pelo pai, primeiramente evoca uma interpretação biográfica da relação de Kafka com seu pai, pois o peso da maçã que carrega nas costas torna difícil uma outra concepção que não esta, ou seja, de Kafka carregando algo nas costas, um peso de uma vida de fardo. Mas por que logo uma

maçã? Biblicamente, fruto do conhecimento do bem e do mal, que causou a expulsão do homem do paraíso, a maçã pode oferecer aqui várias analogias: a maçã como a constatação de Gregor de que na realidade não era querido nem amado por sua família; a maçã como veículo catalisador que torna Gregor consciente de seu papel simplesmente supridor para todos da casa; a maçã que tirou o homem do paraíso, como analogia de Gregor estar também sendo expulso de seu “paraíso” de ilusão e engano.

1. Nabokov coloca também a questão do número 3 em pauta: são 3 quartos, 3 portas, 3 membros da família, 3 partes do livro, 3 homens que moram posteriormente na casa, 3 cartas que são escritas. “Die Zahl drei spielt eine herausragende Rolle.” (Kafka, 1986, p. 106). Em português, “o número três ocupa um papel excepcional”. A trindade sempre foi um símbolo altamente significativo, entre outras místico, religioso e cabalístico. Saber o que Kafka quis nos dizer ao fazer estes paralelos é difícil, mas o fato é que essa trindade está presente na história, e isto não ocorre somente por mera coincidência. A questão do número 3 se mostra bem interessante e até mesmo intrigante quando observamos que Kafka nasceu e morreu num dia 3. Kafka tinha 3 irmãs, e seus pais tiveram 3 filhos homens. Ele crescerá também sob a influência de 3 culturas.

CONCLUSÃO

Apesar de tantos estudos, muitas perguntas permanecem sem resposta e em número maior do que aquelas que foram respondidas, o que leva à crença de que a obra de Kafka jamais será por completo entendida, visto que cada leitor de cada época e com sua história própria identificará no livro em análise aspectos que outros jamais poderiam ou queriam identificar. O importante, afinal, não é nem a interpretação em si nem a crítica, mas simplesmente o fato de que não se é o mesmo após a leitura do conto. A metamorfose que ocorre no leitor é a mais profunda de todas, se não a única real.

Mas eis aqui também, e principalmente, a metamorfose final do leitor: por meio de uma significativa interiorização (fique sozinho em silêncio), que promove o amadurecimento dos pensamentos e das emoções, eliminando o supérfluo e tornando possível uma visão da vida e do mundo mais tolerante, mais perceptiva e mais perspicaz, ou seja, a capacidade de enxergar o mundo como ele é (o mundo se apresentará desmascarado), tornamo-nos capazes de compreendê-lo e, assim, de vencê-lo mais facilmente, de nos sobrepor a ele, extraindo dessa vitória interna um êxtase que completa nossa alma (Em êxtase, se dobrará sobre os seus pés), numa progressiva evolução que culmina em uma catarse final. Ou seja, o leitor é levado a ganhar mais consciência de si, do mundo em que vive e de motivações que antes não havia percebido ou conscientizado.

DO AUTOR

Para se concluir a análise exposta neste trabalho seria interessante conhecer, mesmo que de forma bem resumida, alguns aspectos biográficos do autor. As obras kafkianas e suas datas de publicação foram suprimidas, por serem muito numerosas e não-pertinentes ao texto analisado. Um pequeno resumo de sua vida entretanto faz-se interessante e até necessário para melhor entendermos e, de certa forma, honrarmos aquele que afinal nos forneceu a matéria-prima para este estudo.

Franz Kafka nasceu em 3 de julho de 1883, em Praga, cidade que na época pertencia à monarquia austro-húngara, tendo sido ele um escritor tcheco de língua alemã. Nasceu depois dele dois meninos, que irão morrer pouco tempo após o nascimento, fato que segundo alguns psicólogos especialistas na obra de Kafka será um fator determinante para o sentimento de culpa presente em seus livros. Kafka teve a infância e a adolescência marcadas pela figura dominadora do pai, Herrmann Kafka, um abastado comerciante judeu, e de sua esposa Julie, nascida Löwy, dos quais era o primogênito. Cresce sob as influências de três culturas: a judaica, a tcheca e a alemã. Kafka aprendeu alemão como sua primeira língua, contudo era também quase fluente em tcheco. Estudou Direito e Germanística na Universidade de Praga, onde conheceu seu grande amigo e posterior biógrafo, Max Brod.

Começou então a freqüentar os círculos literários e políticos da pequena comunidade judaico-alemã, na qual circulavam idéias e atitudes críticas e inconformistas, com que se identificava. Concluídos os cursos acadêmicos e de doutorado, trabalhou como advogado e depois como inspetor de acidentes de trabalho, vivendo obscuramente e inconformado com esta vida profissional, que o impedia de se dedicar totalmente à atividade literária. Fez parte, junto com outros escritores da época, da chamada Escola de Praga. Esse movimento era basicamente uma maneira de criação artística alicerçada em uma grande atração pelo realismo, uma inclinação à metafísica e uma síntese entre uma racional lucidez e um forte traço irônico. Esse híbrido de ironia e lucidez aparece na maioria dos textos de Kafka, no qual seu estilo é marcado pela crueza e pelo detalhamento com que descreve situações incomuns.

Com uma série de fracassos amorosos, entregou-se ao sentimento de solidão e desamparo que nunca o abandonaria. Em 1913, Kafka sofre uma grande crise emocional. Alguns estudiosos afirmam que esta crise foi causada por motivo do rompimento de seu noivado; outros defendem que o autor teria ficado emocionalmente abalado pelos prelúdios da 1ª Guerra Mundial, que teria seu início oficial no ano seguinte.

Suas obras retratam as ansiedades e a alienação do homem do século XX e tornaram-se proféticas das perseguições que os judeus passariam a sofrer poucos anos após a sua morte. Seu livro *Die Verwandlung / A Metamorfose*, objeto de estudo deste trabalho, foi publicado ainda em vida e dedicado a seu pai, em 1915, ainda durante a Primeira Guerra. No ano de 1922, Kafka pedirá a seu amigo Max Brod que destruísse todas as suas obras após sua morte. Contra o desejo expresso do escritor, que queria que seus inéditos fossem queimados, Brod publicou romances, textos em prosa, e até mesmo correspondência pessoal e diários.

Kafka falecerá dia 3 de junho de 1924 no sanatório Kierling, na Áustria.

RASCUNHO